

# O PERSPECTIVISMO NIETZSCHIANO NA INTERPRETAÇÃO DE LEO STRAUSS

ELVIS DE OLIVEIRA MENDES<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende mostrar que, na interpretação do filósofo político teuto-americano Leo Strauss, o perspectivismo nietzschiano é uma concepção filosófica que atua em duas dimensões diferenciadas. Por um lado, aparece como a elaboração de uma visão relativista e iconoclasta da moralidade, a ideia de que todas as “verdades” morais e metafísicas são meras “interpretações”, cujo significado é historicamente condicionado. Por outro lado, pretende ser a descoberta de uma verdade que transcende todas as “verdades” históricas, situada para além do bem e do mal. Para Strauss, tal verdade, tem a ver com a descoberta do caráter absurdo e irracional da existência, uma descoberta terrível e insuportável para os homens. Nesse sentido, o pensamento nietzschiano teria sido conduzido à ideia de que as verdades morais são necessárias ao homem, já que elas são responsáveis pela manutenção de uma atmosfera protetora da existência, sem a qual a vida em sociedade seria insustentável.

**Palavras-chaves:** Perspectivismo, Strauss, Nietzsche.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco

**Abstract:** *This article aims to show that, in interpreting of the Teutonic American political philosopher Leo Strauss, Nietzsche's perspectivism is a concept which operates in two different dimensions. At first, the Nietzschean perspectivism appears to us as the development of a relativistic and iconoclastic view of morals and metaphysicals "truths" are mere "interpretations", whose significance is thus historically conditioned. On the other hand, aims to be the discovery of a truth that transcends all historical "truths", that is located beyond good and evil. In Straussian perspective, such truth in Nietzsche, has to do with the discovery of the absurd and irrational character of existence - a terrible and insupportable discovery to the men. In this sense, Nietzsche's thought would have been led to the idea that moral truths are necessary to man, in that they are responsible for maintaining a protective atmosphere of existence, without which social life would not be possible.*

**Keywords:** *Perspectivism, Strauss, Nietzsche.*

**A**o analisar a obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, percebe-se que um tema que parece intrigá-lo profundamente que é o problema da moral. Assim sendo, a reflexão acerca deste tema o instigou a dedicar uma significativa e fecunda parte de sua produção filosófica ao questionamento radical da moralidade.<sup>2</sup> Com efeito, Nietzsche se debruça diante de um grave problema presente em toda história da filosofia, que está fortemente ligado à questão do estatuto da moral e conseqüentemente da verdade. Neste contexto, o filósofo observou a fragilidade das verdades históricas verificando que na realidade “não há fatos, apenas interpretações”<sup>3</sup>. Em outras palavras, Nietzsche observou o caráter fundamentalmente histórico das “verdades” morais e metafísicas e, tendo observado o caráter fundamentalmente histórico das verdades morais e metafísicas, constatou a dependência essencial de tais verdades em relação aos modos humanos de ver as coisas. Portanto, Nietzsche constata que a moral nada mais é do que o fruto das avaliações humanas, e desta forma, algo que varia de acordo com as necessidades de cada tempo e de cada sociedade. Isto é, as verdades sempre partem de algum ponto de vista. Em outras palavras, essas verdades partem de

---

<sup>2</sup> Nietzsche, na verdade, considerava-se como o primeiro filósofo do Ocidente a encarar realmente a moral como um “problema”. Antes de sua obra, julgava ele, os filósofos se limitaram a tentar “justificar” a moral e, por aí, se empenharam sempre em buscar a sua melhor fundamentação. Ver o que ele diz em *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.75).

<sup>3</sup> NIETZSCHE, F. FP 12: 7[60], Outono 1885 – outono 1887 Manuscrito publicado postumamente de 1880 estabelece repetidamente que “não há fatos, somente interpretações”. (Fragmentos Póstumos)

alguma perspectiva, resultante da capacidade criativa do ser humano. De fato, para Nietzsche nós somos responsáveis por tais atribuições morais que tornam a vida possível, como podemos observar por meio da seguinte afirmação:

Nós, nós somente, inventamos as causas, as sucessões, a relatividade, a necessidade, o número, a lei, a liberdade, o motivo, o fim; e se misturamos às coisas reais este mundo de signos como “em si”, continuamos fazendo mitologia; como sempre fizemos. A vontade determinada é mitologia; na vida real existem apenas vontades débeis.<sup>4</sup>

Por esta via, Nietzsche “reduz” o sujeito ao horizonte das possibilidades morais, onde neste sentido, todos os valores podem ser questionados, negados e assim transformados (transvalorados), por serem temporais e evidentemente passageiros. A partir da máxima de que “não há fatos eternos, assim como não há verdades absolutas”<sup>5</sup>, percebe-se que o perspectivismo nietzschiano rejeita totalmente a possibilidade de uma verdade ligada à realidade independente da ação humana. Portanto, Nietzsche não considera que as verdades a que o pensamento humano visa sejam entidades objetivas e autossustentadas, independentes desse pensamento. Sendo assim, ele exerce fortes críticas à história da filosofia, pois, a seu ver, a partir de Sócrates, o amor e a crença na verdade, entendida como algo de racional, inteligível e benéfico ao ser humano, teriam levado o homem a uma racionalidade ingênua e incapaz de reconhecer o aspecto mais terrível da existência.<sup>6</sup> Para Nietzsche, daí efetivou-se uma filosofia do engano. Isso por sua vez, traria consequências terríveis para a humanidade.

Esta razão alcançou seu apogeu com o advento da modernidade e com ela a crença no mito do progresso, legitimado com a revolução científica de Copérnico a Newton, do pensamento cartesiano à ética racionalista Kantiana. Por sua vez, o projeto iluminista prometia livrar o homem da ignorância e dos misticismos. Diante disto, ao observar os acontecimentos históricos, Nietzsche suspeita do plano moderno e percebe que o que foi característico em todos os momentos da existência humana, é a vontade de potência, a fluidez, e as

---

<sup>4</sup> Nietzsche, Friedrich Wilhelm, *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro* – Trad. Mário Ferreira dos Santos. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 (Coleção Textos Filosóficos) p33

<sup>5</sup> Nietzsche, Friedrich Wilhelm. *Humano, Demasiado Humano*, capítulo 1 das coisas primeiras e última, aforismo 2. Editora; Companhia das letras, tradução de Paulo César de Souza

<sup>6</sup> Com efeito, percebe-se em “O Nascimento da Tragédia” mais precisamente nos parágrafos 12,13 e 14, onde Nietzsche apresenta Sócrates como o homem antimístico e antitrágico por excelência, i. e., como o racionalista otimista que crê poder com a razão não somente chegar ao âmago do ser, mas também corrigir o ser.

transformações dos valores e das verdades. O que neste mesmo contexto, faz com que a moralidade seja sempre algo vulnerável as interpretações, portanto multável. No entanto, logo em seguida outros valores já são estabelecidos, já que de fato, as verdades morais são um freio às vicissitudes e permissividades da natureza humana. Ora, para Nietzsche tudo é relativo e todas as verdades são produtos da criatividade humana. Portanto, sempre que um valor não serve mais, logo em seguida outros valores são criados e esses mecanismos morais são imprescindíveis para a manutenção da vida social. De fato, o que faz da moralidade a mais apropriada de todas as regras para orientar a humanidade.

Constatado o perspectivismo no pensamento filosófico nietzschiano acerca da moral, é importante explicar que o termo “perspectivismo” é utilizado de forma analógica em consonância com o relativismo moral preconizado por Nietzsche. Este termo se refere à forma como se concebe o “valor” e está presente desde as primeiras obras do filósofo, mas só aparece de forma explícita a partir de 1882, em *A Gaia Ciência*. Entretanto, o perspectivismo é uma expressão tomada de empréstimo das artes visuais que, em seu sentido contemporâneo, expressa multiplicidade e pluralidade de olhares, um rompimento com os perspectivismos clássico, medieval e moderno. Desta maneira, esta analogia concerne à forma de construção dos valores e das verdades (moralidade).

Em outras palavras, seguindo ainda a mesma analogia, o que possuía uma forma linear e matematizada, a partir da era contemporânea foi superado pela multiplicidade de pontos de vista, como já fora citado anteriormente. Diante disto, o que Nietzsche assinala é o momento de desestabilização dos valores e das verdades e conseqüentemente da moral. Por outras palavras, o momento em que o homem descobre o caráter histórico de toda moralidade e, por aí, o fato de que todos os valores são humanos e de que não há nenhum Deus para garanti-los. Para Nietzsche, o que está em jogo aqui é o advento da morte de Deus, isto é, o fato de não existir nenhuma verdade, nenhum caminho e nenhum norte a ser seguido. Daqui o pensador desvela a face trágica e totalmente sem sentido da existência humana, a qual por assim dizer gera um niilismo radical sem precedentes, que atinge sua expressão mais radical no seio da contemporaneidade.<sup>7</sup>

Contudo, o perspectivismo neste contexto é também visto como uma suposta teoria do conhecimento de Nietzsche, embora não saibamos se Nietzsche realmente pretendia pensar nisto como teoria epistemológica. No

---

<sup>7</sup> Isto pode ser percebido no parágrafo 343 de *A Gaia Ciência*, em que Nietzsche descreve de forma dramática o impacto da morte de Deus sobre a existência humana.

entanto, estas questões estão intrinsecamente ligadas, e o que aparece de forma clara e contundente em seus escritos, é que para ele tudo é perspectiva, já que as verdades são construções humanas, portanto antropomórficas. Por assim se apresentar o perspectivismo nietzschiano, em grande maioria das interpretações acerca deste conceito é atribuída a ideia de um perspectivismo absoluto ao pensamento moral de Nietzsche, é de fato essa visão de um Nietzsche relativista, iconoclasta e niilista que vigora.

No entanto, no século XX vários interpretes do pensamento de Nietzsche se opõem a essa visão, entre eles o filósofo político teuto americano Leo Strauss, que se contrapõe completamente a essa interpretação absolutizante do perspectivismo nietzschiano. Neste sentido, Leo Strauss faz uma análise da obra "*Além do bem e do mal*", onde, segundo ele, Nietzsche elabora um tratado político e moral<sup>8</sup>. Assim, desta maneira, para Strauss, em *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche pretende não apenas compor um tratado político, mas desenvolver um projeto mais ambicioso, qual seja: lançar as bases para o que ele chama de "filosofia do futuro", autora de uma nova e inaudita moralidade, capaz de consumir e superar o niilismo e inspirada por uma religiosidade não-teísta. O tema fundamental de *Além do bem e do mal* seria, pois, segundo Strauss, essa nova filosofia.

Esquemmatizando a leitura straussiana, poderíamos dizer que, para ela, Nietzsche, na obra em questão, visaria realizar o projeto mencionado mediante o desenvolvimento de três procedimentos fundamentais, a saber: a crítica radical e implacável dos preconceitos dos filósofos, a qual desmascara o caráter humano e perspectivo de todas as verdades morais e metafísicas sobre as quais se apoiou o pensamento humano até então; a crítica da moralidade de rebanho, i. e., da moralidade cristã e cripto-cristã da compaixão, do amor ao próximo e do bem-estar de todos, que, segundo Nietzsche, com a morte de Deus, teria chegado ao seu esgotamento; a proclamação de uma nova moralidade, a qual será anti-igualitária, fundada no reconhecimento do perspectivismo ou da verdade de que todos os valores são criações da vontade humana e numa nova religiosidade ateia que diviniza a crueldade, o devir e a imanência. Neste sentido, é percebido que "durante muito tempo, os comentadores de modo geral negligenciaram os aspectos políticos do pensamento nietzschiano,"<sup>9</sup> como defende a comentadora brasileira Scarlett Marton; para ela, "dentre os vários fatores que contribuíram para tanto, há que se notar a necessidade que então se

---

<sup>8</sup> Cf. Strauss, L. 'Note on the Plan of Nietzsche's *Beyond Good and Evil*. In Idem, *Studies in Platonic Political Philosophy*. With an Introduction by Thomas Pangle. Chicago: The University of Chicago Press, 1983, p. 174-191

<sup>9</sup> Marton, Scarlett, *Nietzsche e a crítica da democracia*. Dissertatio [33] 17 - 33 inverno de 2011 p 17

impunha de desqualificar os diferentes usos e apropriações políticas das ideias de Nietzsche". (Marton, p 17) O que de fato é observado por Strauss e o mesmo pretende resgatar o que para ele é um elemento constitutivo do pensamento filosófico de Nietzsche.

Ainda por esta via Scarlet Marton afirma que enquanto certos autores não aceitam que o pensamento nietzschiano possa apresentar uma dimensão política *stricto sensu*, outros sustentam, ao contrário, que Nietzsche é um pensador político, como se pode observar nas Teses de Keith Ansell Pearson, em "*Nietzsche como pensador político*", de Dom Dombowsky, em "*Nietzsche's Machiavellian Politics*" e de Simone Goyard-Fabre em "*Nietzsche et la question politique*". Leo Strauss, por sua vez, segue exatamente pela via dos pensadores que abraçam a interpretação deste Nietzsche preocupado com as coisas políticas, mesmo reconhecendo que o Filósofo não possui uma teoria política acabada. Strauss analisa que se levássemos o relativismo nietzschiano até suas últimas consequências geraríamos uma contradição ou uma visão paradoxal acerca do autor. Inequivocamente, o que está em jogo para Strauss é mostrar que Nietzsche tem um propósito maior, em denunciar a vulnerabilidade de todas as verdades e conseqüentemente de todas as possibilidades morais.

Segundo Strauss, trata-se de mostrar que o perspectivismo nietzschiano é ambíguo, pois se por um lado ele pretende evidenciar o fato que todas as verdades morais e relacionadas aos valores são perspectivas, por outro, é igualmente certo que, no âmbito desse perspectivismo, há a "uma verdade de todas as verdades", o que equivale a reconhecer o caráter "não relativo da verdade do relativismo"<sup>10</sup>, ou seja, o caráter desumano ou não antropomórfico da verdade que apreende a natureza perspectiva de todo pensamento. Mais precisamente, o que Strauss mostra é que o perspectivismo de Nietzsche atua em dois planos: por um lado, ele desnuda o caráter relativo e interpretativo das verdades humanas; por outro, ele pretende ser um insight filosófico que apreende a "verdade de todas as verdades", i. e., um insight filosófico que atinge a compreensão de que não há um texto por trás das interpretações, de que não há uma coisa em si e de que, portanto, o real é absurdo e irracional<sup>11</sup>.

É o que observa a comentadora canadense Shadia Drury, em *The Political Ideas of Leo Strauss*. Segundo Drury, na visão de Strauss, o perspectivismo nietzschiano não é absoluto, pois isso seria paradoxal e mesmo incoerente, uma

---

<sup>10</sup> "Rather than the relativization of all truths, we might say, Strauss's Nietzsche elevates *the unrelativizable Truth of relativism*". *Interpreting Nietzsche - Reception and Influence* Edited by Ashley Woodward - Chapter 9 Strauss's Nietzsche, Mathew Sharpe and Daniel Townshend p138

<sup>11</sup> STRAUSS, L. 'Note on the Plan of Nietzsche's Beyond Good and Evil, p. 176-177

tese que, caso viesse a ser sustentada, destruiria a si mesma, no ato mesmo em que fosse afirmada. Na leitura straussiana, Nietzsche teria escapado dessa contradição ao distinguir os dois planos em que opera o perspectivismo, quais sejam: um plano antropomórfico, das verdades humanas, vinculadas ao mundo da ordem, da moral e da racionalidade, e um plano não antropomórfico, “para além do bem e do mal”, que, transcendendo tudo que é criado pelo homem, tem a ver com a apreensão da verdade cruel relacionada ao caráter perspectivo do pensamento humano. Na ótica de Strauss, Nietzsche teria várias vezes deixado claro o caráter perigoso e mesmo letal dessa última verdade para a vida humana. De fato, Strauss considera que, conforme a concepção proposta por Nietzsche, se todos indivíduos tiverem acesso a uma visão totalmente esclarecida, analítica e teórica da vida, a existência se tornaria um fardo pesado demais, portanto insustentável. Assim, tanto Nietzsche como Leo Strauss, reivindicam a necessidade de uma atmosfera protetora da vida, concepção que remonta ao platonismo e à sua ideia de uma “ilusão nobre”. Como Drury aponta na reflexão do próprio Leo Strauss nesta passagem presente na obra *Natural Right and History*:

According to Nietzsche, the theoretical analysis of human life that realizes the relativity of all comprehensive views and thus depreciates them would make human life impossible, for it would destroy the protecting atmosphere within which life or culture or action is alone possible. . . . To avert the danger to life, Nietzsche could choose one of two ways: he could insist on the strictly esoteric character of the theoretical analysis of life - that is, restore the Platonic notion of the noble delusion - or else he could deny the possibility of theory proper and so conceive of thought as essentially subservient to, or dependent on, life or fate. If not Nietzsche himself, at any rate his successors adopted the second alternative.<sup>12</sup>

Em *Além do bem e do mal* Nietzsche declara claramente a busca da verdade em si, como um ato extremamente perigoso à vida, como se pode observar nestes questionamentos propostos bem no início desta obra:

---

<sup>12</sup> Strauss, Leo, *Natural Right and History*, The University of Chicago Press. All rights reserved. Published 1953. Fifth Impression 1965 - First, Phoenix Edition 1965. Printed in the United States of America p 26

Supondo que queremos a verdade, por que não melhor a mentira? Ou a incerteza ou a própria ignorância? Apresentou-se ante nós o problema do valor da verdade, ou fomos nós em sua busca? Quem é de nós o Édipo? Quem é a Esfinge? Isto é um encontro de perguntas e pontos de interrogação. E contudo, quem o acreditaria! Parece-nos até que nunca foi proposto o problema, como se fossemos o primeiro a discerni-lo, a vê-lo, a afronta-lo. E há grande perigo em afronta-lo, e talvez seja o maior de todos os perigos.<sup>13</sup>

Para Nietzsche, é inegável o fato de necessitarmos da proteção das verdades humanas, por que do contrário seria impossível se fixar modelos de vida, se estabelecer leis e logo estaria extinta qualquer possibilidade de vida em sociedade e da conservação da mesma. Portanto, por mais superficiais e falsos que sejam os valores morais, necessitamos deles para a manutenção da vida, tal como a conhecemos; sem isto, a vida não seria possível. Em suma, o que é apontado aqui pelo filósofo é a fragilidade do ser humano diante “da verdade de todas as verdades”. Essa percepção, segundo Strauss, teria levado Nietzsche à compreensão do caráter letal da verdade do perspectivismo, obrigando o filósofo, de certa forma, a reconsiderar a sabedoria antiga e a tradição platônica da “nobre mentira” como uma alternativa para a crise moderna dos valores ocidentais. Como Drury expõe:

Strauss's fundamental insight into the 'crisis' of modernity is Nietzschean. Like Nietzsche, Strauss traces the ills of modernity to its unquenchable quest for truth - its immoderate, excessive and suicidal devotion to knowledge. Scientific knowledge, for example, threatens us with extinction; yet we are convinced that only more knowledge can save us. For Strauss, as for Nietzsche, what is true of scientific knowledge is equally true of philosophical knowledge. Like Nietzsche, Strauss forces us to think the unthinkable. He forces us to question the goodness of truth and knowledge for mankind. Nihilism, understood not as the indifference to all values, but as the insight into the groundlessness of law, justice and morality, is a 'deadly truth'.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Nietzsche, Friedrich Wilhelm, *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro* - Trad. Mário Ferreira dos Santos. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 (Coleção Textos Filosóficos) p12

<sup>14</sup> DRURY, S. *The Political Ideas of Leo Strauss*. Updated Edition. Lexington: Palgrave Macmillan, 2005  
p 177.

Assim, na visão de Strauss, mesmo que o perspectivismo nietzschiano, como foi já abordado aqui, mostre que não há verdades de caráter moral ou racional, além das interpretações humanas, é fato que essas verdades oriundas de tais interpretações precisam ser mantidas como garantia a vida. Portanto, a moralidade e os valores são modos de avaliar as coisas e atribuir sentido a elas; porém para além de todas as verdades humanas, há uma verdade inumana. Neste contexto, para Strauss, o perspectivismo de Nietzsche diz respeito essencialmente ao âmbito das valorações humanas, i. e., ao âmbito das formas históricas por meio das quais o homem constrói o mundo da moral e confere significado à realidade. No entanto, ainda sob a ótica straussiana, o pensamento de Nietzsche apontaria para uma verdade trágica e terrível que o homem comum por sua vez não suportaria. Ainda neste mesmo contexto esta verdade está situada para além do casulo da moralidade e que teria a ver com o aspecto cruel, totalmente absurdo e irracional. Daí o tamanho perigo desta verdade, e o fato de que na visão de Nietzsche só o filósofo ou o super-homem poderia lidar com tal verdade, como o próprio Strauss explicita nesta passagem:

The truth is not attractive, lovable, life-giving, but deadly, as is shown by the true doctrines of the sovereignty of Becoming, of the fluidity of all concepts, types and species, and of the lack of any cardinal difference between man and beast (*Werke*, ed Schlechta, I 272); it is shown most simply by the true doctrine that God is dead. The world in itself, the "thing-in-itself," "nature" (aph. 9) is wholly chaotic and meaningless. Hence all meaning, all order originates in man, in man's creative acts, in his will to power.<sup>15</sup>

Na passagem a seguir, percebe-se de forma clara que Nietzsche tenta mostrar a necessidade de proteger o homem diante da realidade nefasta da existência.

A Falsidade de um juízo não pode servir-nos de objeção contra o mesmo: talvez nossas palavras soem estranhamente. A questão é saber quanto ajuda tal juízo para favorecer e conservar a vida, a espécie e tudo quanto é necessário à sua evolução. Estamos fundamentalmente, inclinados a sustentar que os juízos mais falsos (aos quais pertencem os juízos sintéticos a priori) são para nós os mais indispensáveis e que não concedendo valor às ficções lógicas, não medindo a

---

<sup>15</sup> Strauss, Leo. *Studies in Platonic Political Philosophy*, 1983, University of Chicago p 177

realidade com a regra puramente fictícia do mundo absoluto e imutável, não falseando constantemente o mundo mediante o número, não poderia viver o homem; finalmente, renunciar aos juízos falsos seria o mesmo que renunciará vida, renegar a vida.<sup>16</sup>

Por ser assim, Nietzsche tenta de várias formas mostrar a necessidade humana das leis: de fato, para ele, o homem é absolutamente carente de freios e amarras e é por sua vez a existência desses artifícios morais que tornam a vida possível. Neste contexto, o que Leo Strauss chama atenção é para a proximidade entre os pensamentos Nietzsche e Platão. Para Strauss chamar Nietzsche de anti-platônico seria no mínimo exagerado, isto é, conforme observa Drury, (p. 175) para Strauss, Nietzsche, na contramão daquilo que apregoa a modernidade, estaria buscando recuperar o esoterismo; o pensamento de Nietzsche seria, nesse caso, uma tentativa de superação da modernidade. Em suma, o que Strauss vê em Nietzsche é a descoberta da maior verdade, “da verdade de todas as verdades”, de que o perspectivismo nietzschiano é inegável e flagrante. No entanto, o homem necessita de uma atmosfera protetora que só a moral resultante das verdades criadas pelo pensamento pode propiciar, salvaguardando a vida e realizando a “vontade de poder”, o que para Nietzsche é o que há de demasiadamente humano.

### Referências Bibliográficas:

Drury, S. *The Political Ideas of Leo Strauss*. Updated Edition. Lexington: Palgrave Macmillan, 2005 (1987)

Goyard-Fabre, S. *Nietzsche et la question politique*. Paris: Sirey, 1977.

Lampert, Laurence, *Leo Strauss and Nietzsche*, Chicago, Chicago University Press, 1997

Marton, Scarlett. *Extravagâncias – ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora UNIJUÍ, 2000.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2000.

---

<sup>16</sup> Nietzsche, Friedrich Wilhelm, *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro* – Trad. Mário Ferreira dos Santos. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 (Coleção Textos Filosóficos) p 14

\_\_\_\_. Nietzsche e a crítica da democracia. Dissertatio (33) inverno de 2011 pp 17 - 31

Nietzsche, Friedrich Wilhelm, *A Gaia Ciência*. Editora; tradução de Paulo César de Souza, São Paulo, Companhia das letras, 2001

\_\_\_\_. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro* - Trad. Mário Ferreira dos Santos. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 (Coleção Textos Filosóficos)

\_\_\_\_. *Humano, Demasiado Humano*. Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo, Editora; Companhia das letras 2008

\_\_\_\_. *O Nascimento da Tragédia - ou Helenismo e Pessimismo*. Trad.: J. Guinsburg, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

Sharpe, Matthew and Townsend, Daniel, Introduction: the Strauss Controversy, Leo Strauss, and Nietzsche. Woodward, Ashley (org), *Interpreting Nietzsche : reception and influence*, New York, USA Continunn 2011 pp 131 -148

STRAUSS, L. *Natural Right and History*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971 (1953). Tradução portuguesa de Miguel Morgado: *Direito natural e história*. Lisboa: Edições 70, 2009.

\_\_\_\_. *Persecution and The Art of Writing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988 (1952)

\_\_\_\_. *Studies in Platonic Political Philosophy*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

\_\_\_\_. *What is Political Philosophy? And Other Studies*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988 (1959).